

Entre o “sonho e a ação”: a infância e sua educação nas crônicas de Cecília Meireles no jornal Diário de Notícias, de 1930 a 1932

Sônia Camara¹, Jodar de Castro Roberto²

Resumo

Este artigo objetiva compreender as concepções de educação da infância que emergem dos escritos da jornalista e educadora Cecília Meireles na “Página de Educação” do Jornal Diário de Notícias, no período de 1930 a 1932. Selecionamos um corpus documental constituído por 52 crônicas que permitiram captar os sentidos construídos por ela, no que se refere à infância pobre, à educação moderna, à família e escola e a à relação entre professores e alunos. A análise dos escritos de Cecília Meireles na “Página” Página colabora para a construção de uma compreensão acerca dos combates travados por ela, como intelectual engajada ao movimento da Escola Nova, no momento em que se intensificaram os debates em torno da elaboração de um projeto nacional de educação para o país, os anos de 1930.

Palavras- chave: educação da infância; Cecília Meireles; imprensa; Escola Nova.

1 Licenciada em História; Mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Doutorado e Pós Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (USP).

2 Graduado em Letras pela UERJ; Especialista em Docência do Ensino Superior pela UNISUL; Mestre em Educação pela UERJ (2013); Doutorando em Educação – PROPED-UERJ.

Between the “dream and the action”: the childhood and its education in Cecília Meireles chronicles in Daily News newspaper from 1930 to 1932

Sônia Camara, Jodar de Castro Roberto

Abstract

This article aims to understand the childhood education conceptions that emerge from the writings of the journalist and educator Cecília Meireles in the Page of Education of the Daily News newspaper, from 1930 to 1932. We have selected a documental corpus constituted by 52 chronicles which allowed us to understand the senses built by her of a poor childhood, of a modern education, of a family and school relationship and of the relationship between teachers and students. The analysis of the Cecília Meireles’ writings in the Page contributes to build an understanding about her fights as an intellectual committed to the New School movement when the debates around the elaboration of a new national education project to the country got intensified, in the years of 1930.

Keywords: childhood education; Cecília Meireles; press; new school.

1 Introdução

Devíamos poder preparar os nossos sonhos como os artistas, as suas composições. Com a matéria sutil da noite e da nossa alma, devíamos poder construir essas pequenas obras-primas incommunicáveis, que ainda menos que a rosa, duram apenas o instante em que vão sendo sonhadas, e logo se apagam sem outro vestígio que a nossa memória (MEIRELES, 1976, p. 121).

O sonho e a ação foram duas palavras que a jornalista e educadora Cecília Meireles manteve vivas e como bandeira de luta ao longo de sua vida, especialmente a partir da opção pelo magistério. Formou-se na Escola Normal do Distrito Federal, em 1917, e, no ano seguinte, iniciou suas atividades no magistério público na Escola Deodoro da Fonseca, no bairro da Glória. Por mais de trinta anos, atuou como professora em escolas do Rio de Janeiro³. A vinculação com o magistério possibilitou à Cecília Meireles construir uma visão privilegiada acerca da escola, da infância, do professorado e da educação, municiada pelos conhecimentos advindos da prática como docente, assim como das opções teóricas que arquitetou. Desse modo, a Cecília Meireles que procuramos construir configura-se a partir das nuances que marcaram a atuação da escritora, poetisa e, acima de tudo, da educadora engajada e comprometida em sonhar, pensar e intervir em defesa de um projeto de educação para o país.

No que se refere à tomada de posição no campo da educação, destacamos, como ponto de partida, a participação de Cecília Meireles no concurso da Escola Normal do Distrito Federal para a cátedra de Literatura Vernácula, em 1929⁴. A sua participação nesse concurso funcionou como um elemento que propiciou a sua entrada nos embates educacionais, possibilitando o fortalecimento de suas convicções em torno dos embates sobre as questões associadas ao movimento escolanovista. Matéria- prima privilegiada em torno da qual gravitaram diferentes demandas em sua coluna “Comentários”, na “Página de Educação”. O concurso, que se iniciou no ano de 1929, apresentava como primeira etapa a publicação e a defesa de uma Tese. A Tese apresentada pela jornalista intitulava-se *O Espírito Victorioso*. A disputa entre Cecília Meireles e Clóvis do Rego Monteiro se transformou numa contenda que se estendeu para além da Escola Normal

3 Cf. Lôbo (2010). A carreira docente de Cecília Meireles apresenta várias nuances: ingressou no magistério do ensino médio lecionando a disciplina de Desenho, na Escola Normal do Distrito Federal, em 1920. Em 1934, foi designada para o Instituto de Pesquisas Educacionais do Distrito Federal. A convite de Anísio Teixeira, organizou a primeira biblioteca infantil brasileira do Centro de Cultura Infantil. Na Universidade do Distrito Federal, lecionou as disciplinas de Literatura Luso-brasileira e a de Técnica e Crítica Literária, durante o ano de 1935. A partir do ano de 1939, retoma a docência pública, atuando como regente de turma no Jardim de Infância Campos Salles. Em 1940, leciona a disciplina de Literatura e Cultura Brasileira na Universidade do Texas. De volta ao Brasil, foi transferida para a Escola Medeiros e Albuquerque, da rede pública municipal do Distrito Federal, em 1949. Nesse ano, foi nomeada para a direção da Escola Bahia, permanecendo nessa instituição até a sua aposentadoria, no ano de 1951.

4 O concurso se estendeu até 1930, quando Cecília acabou por perder a vaga para Clóvis do Rego Monteiro. Advogado, filólogo, poeta e escritor, Clóvis Monteiro exercia a docência no Colégio Pedro II e era, naquele momento, membro do Conselho Nacional de Ensino (LOBO, 2010, p. 14-19).

do Distrito Federal. Os candidatos à cátedra corporificavam os embates que vinham se desenhando na Associação Brasileira de Educação (ABE) em torno da promoção e da direção do projeto de educação para o Brasil. Nuclearam-se as preferências entre os adeptos das novas teorias da Educação Ativa (Escola Nova), representados por Cecília Meireles, e os que se mantinham numa posição identificada como tradicional, corporificada por Clóvis do Rego Monteiro. O embate que se formalizou com o concurso tomou proporção significativa, anos mais tarde, quando Cecília Meireles esteve à frente da “Página de Educação”⁵.

Mobilizados pelo desejo de investigar as concepções de educação da infância nos escritos de Cecília Meireles na “Página de Educação” do Jornal *Diário de Notícias*, no período de 1930 a 1932, o artigo em tela pretende problematizar a atuação da escritora, jornalista e professora no cenário dos embates que se materializaram entre os adeptos do movimento da Escola Nova e os defensores da Escola Tradicional, corporificado, particularmente, pelos intelectuais católicos. Nesse contexto, Cecília Meireles não ficou indiferente às questões que movimentavam o cenário educacional; ao contrário, assumiu aguerridamente à bandeira da Escola Nova, tomando posição e arregimentando esforços em defesa do direito da criança à educação e à escola.

Para esse intento, o artigo se organiza em duas partes. Na primeira, busca refletir acerca da criação e do papel assumido pela “Página de Educação” como estratégia de promoção do movimento escolanovista, por parte de Cecília Meireles. Na segunda, tenciona captar as concepções de infância e de educação que emergem dos seus escritos, objetivando apreender os fazeres praticados que mobilizaram o olhar e a escrita da jornalista e educadora Cecília Meireles. A fim de compor este artigo, identificamos 52 crônicas que, publicadas no jornal Diário de Notícias, permitem captar os sentidos construídos pela poetiza, jornalista e professora acerca da infância pobre, da educação moderna, da relação família e escola, da relação professor e aluno, entre outros temas. O corpus documental analisado constituiu-se a partir desse recorte e foi organizado tendo como parâmetro as crônicas que colaboram para a construção de uma compreensão acerca da concepção de infância e dos combates travados por Cecília Meireles, bem como de sua importância, como intelectual engajada, na defesa do movimento da Escola Nova, no momento em que se intensificaram os debates em torno de um projeto nacional de educação para o país nos anos de 1930.

5 Sobre as reformas educacionais, conferir Camara (2011).

2 Uma tribuna de debates: a “Página de Educação” e as questões em torno da educação nacional

Na vida moderna, o jornal tende, cada vez mais, a ser para o povo, a forma rápida e imediata de cultura, e, como tal, a determinar-lhe uma orientação e a modelar-lhe um caráter. Passaram os tempos em que se podia dispor de longas horas de estudo, em muitos e variados livros. Hoje, as horas sôfregas absorvem-nos inexoravelmente e temos de ir para a frente, na vertigem dinâmica do século, ainda quando cheios de saudade da contemplação e da meditação sacrificadas. Porque é também uma característica da época essa obrigação de nos privarmos de muita coisa pela ansiedade de oferecer ao mundo o nosso voluntário esforço para sua transformação e evolução (MEIRELES, 2001, p. 169. v. 4).

A disputa entre grupos divergentes sobre um projeto de nação que fosse capaz de dar uma direção ao país impulsionou a atuação e o engajamento dos intelectuais. Oriundos de diferentes clivagens políticas, esses intelectuais buscaram definir caminhos, redigir leis e dar uma direção às proposições encaminhadas na gestação das políticas de Estado que se pretendia instituir. A imprensa de opinião constituiu-se como um importante instrumento político e pedagógico, à medida que colaborava na difusão de ideias, na promoção de embates e na formação do leitor. Por meio da imprensa, esperava-se sedimentar um projeto que proporcionasse o desenvolvimento econômico, social, educacional e cultural do país aos moldes dos países considerados civilizados.

Nessa direção, assumiu relevância a elite intelectual que, imbuída de uma visão missionária e iluminista, concebeu a imprensa como um importante veículo de comunicação e de embate, uma vez que potencializava a capacidade de convencer, assim como de atacar, se necessário fosse. Importante trincheira de luta, a imprensa configurou-se como espaço marcado por uma retórica “mordaz e crítica, linguagem literária, sátira, requerendo ao mesmo tempo densidade doutrinária e ideológica e agilidade para expressar, em situações específicas e circunstanciais, uma visão de mundo geral e definida” (MARTINS; LUCA, 2011, p. 37).

O Governo Provisório que se constituiu com a posse do Presidente Getúlio Vargas (1930-1934) tomaria para si a atribuição de ser o “porta voz”, o “conciliador” na elaboração de um projeto de nação que se alinhava para além das digressões e dos interesses conflitantes externados pelos diferentes projetos políticos em disputa. Por meio de um aparato burocrático estatal intervencionista e centralizador, o Governo Provisório criou o Ministério da Educação e Saúde Pública, o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e promulgou leis e decretos de proteção ao trabalhador, ampliando, assim os investimentos na questão social (PANDOLFI, 2012, p. 20).

Nesse momento de mudanças políticas significativas, foi fundado o jornal *Diário de Notícias* que, juntamente com o *Correio da Manhã*, os *Diários Associados* e outros periódicos, como *O Combate* e *A Batalha*, formou a base de apoio da Aliança Liberal que sustentava politicamente o Presidente Getúlio Vargas (LAMEGO, 1996, p. 27). Criado pelos jornalistas Orlando Ribeiro Dantas⁶, Nóbrega da Cunha⁷ e Alberto Figueiredo Pimentel⁸, o *Diário de Notícias* circulou pela primeira vez em 12 de junho de 1930, assumindo a finalidade de defender a Revolução de 1930. Conforme Lamego, o jornal apresentava uma linha editorial avançada para o seu tempo:

O clima da redação do Diário de Notícias tinha a mesma aura política que suscitou sua fundação. Lembra Carlos Lacerda, em seu Depoimento, que o Diário teve grande papel na Revolução de 30: ‘Ali havia um ambiente político muito intenso. O jornal era um centro de debates em torno da ocupação da Revolução de 30’ (LAMEGO, 1996, p. 27).

Em formato *standard*, o jornal apresentava seções de política nacional e internacional, economia, esportes, cotidiano, assuntos femininos e uma página específica para discutir as questões relativas à educação. Com tiragem inicial de seis mil exemplares, o jornal passou, a partir de outubro de 1930, para 168 mil exemplares (CADERNOS DA COMUNICAÇÃO, 2006). Sua linha editorial era marcada por um perfil combativo, em defesa da soberania nacional, ao mesmo tempo em que pretendia uma posição independente em relação à posição governista autoritária assumida pelo governo. Em suas páginas, eram estampadas propostas nas áreas sociais, trabalhistas e educacionais, abrindo, dessa forma, confronto direto com a República Velha e com as oligarquias que dominavam a cena política brasileira até então.

Convidada por Nóbrega da Cunha, um dos fundadores do jornal, Cecília Meireles dirigiu, de 12 de junho de 1930 a 12 de janeiro de 1933, uma seção do jornal intitulada “Página de Educação”. Engajada e atuante, Cecília Meireles tomou para si o compromisso de fazer circular e de discutir, por meio da seção, temas que elegeru como centrais para o processo de (re)construção do país. “Viveiro e espaço de sociabilidade” (SIRINELLI, 2009), a “Página de Educação” constituiu-se em um instrumento de combate e de divulgação de ideias relacionadas à educação. A importância e a visibilidade se explicam, tendo em vista os intelectuais brasileiros terem identificado a educação como fórmula capaz de contribuir não somente para a formação das “novas elites” do país, mas também,

6 Orlando Ribeiro Dantas, natural de Ceará-Mirim, jornalista e parlamentar, atuou em defesa da Aliança Liberal e das suas propostas. Depois da Revolução Constitucionalista de 1932, passa a criticar os procedimentos adotados pelo Presidente Getúlio Vargas.

7 Carlos Alberto Nóbrega da Cunha nasceu em Dorandia, estado do Rio de Janeiro, em 1897, filho de Celestino Gomes da Cunha e Leocádia Nóbrega da Cunha. Foi jornalista e professor, tendo exercido sua militância profissional na cidade do Rio de Janeiro. A sua aproximação com a educação deu-se durante a gestão de Fernando de Azevedo na Direção Geral da Instrução Pública do Distrito Federal (1927-1930).

8 Dados biográficos não localizados.

como afiança Pagni (2000), como elemento capaz de colaborar para constituição da nacionalidade, por “intermédio de uma cultura nacional e de uma educação moral sólidas que assegurassem o progresso de nossa civilização” (PAGNI, 2000, p. 49).

No que concernia à composição, a “Página de Educação” apresentava uma disposição gráfica que obedecia a seguinte estrutura: a coluna “Comentário”, do lado esquerdo da página, na qual Cecília discorria sobre os temas que considerava importantes para a nova educação, questionando o modelo educacional excludente em exercício. No espaço central, com maior destaque e sempre com ilustrações, fotos e desenhos, a coluna “Uma página de educação de...”. Esse espaço era dedicado a um convidado, educador, filósofo, romancista, com entrevistas e textos, e cujos nomes escolhidos para colaborar na “Página” deveriam sempre apresentar aspectos alusivos às novidades educacionais. A diagramação da “Página” apresentava um aspecto gráfico-visual em que se destacava, no alto da página, um conjunto finito de pontos e de segmentos de linhas que se uniam como uma moldura, dando destaque ao título “Página de Educação” (LÔBO, 2010, p. 21-22).

Como estratégia importante no “bom combate”, Cecília Meireles identificou na imprensa um instrumento crucial em defesa do que acreditava ser necessário para erigir uma obra educacional que atendesse as novas diretrizes pedagógicas que se propagavam em vários países, considerados civilizados. A sua visão desprezada e arrojada para a época era destilada pela sua pena afiada, que não poupava os seus oponentes: os educadores participantes do grupo católico, o Presidente Getúlio Vargas e o Ministro Francisco Campos⁹, no que tangia à edificação do campo educacional no Brasil. Contando com a participação de convidados nacionais e estrangeiros, Cecília Meireles pôde compor e articular uma argumentação que fugia ao perfil meramente panfletário que marcava a imprensa da época.

Com estilo próprio, Cecília Meireles trouxe para a “Página de Educação” a sua sensibilidade e a percepção crítica acerca das questões de educação, transformando em crônicas os fazeres praticados e captados de maneira arguta em suas vivências no âmbito da educação. Como afiança Martins e Luca (2011), coube ao gênero da crônica exercer múltiplos papéis, funcionando algumas vezes como artigo de fundo ou editorial. Aproximando-se do artigo, a crônica “volta-se para as ocorrências contemporâneas, no seu suceder imediato. Marcada pela reflexão despretenhosa, redoundo na forma ideal do trato literário de eventos cotidianos, driblando seu caráter efêmero” (MARTINS; LUCA, 2011, p. 70). Se a marca que caracterizou esse gênero foi a reflexão despretenhosa, essa não foi a opção de Cecília Meireles, que já na primeira

9 Os educadores católicos, o presidente Getúlio Vargas e o Ministro Francisco Campos foram alvos constantes de Cecília Meireles, especialmente a partir da publicação do Decreto nº 19.941, de 30 de abril de 1931, que instituiu o ensino religioso (facultativo) nas escolas públicas. (LÔBO, 2010).

crônica publicada na “Página” indicava o caminho a ser trilhado e os propósitos que a embasariam:

Tudo que se relacionar com educação e ensino – desde a escola até a universidade – será nestas colunas objeto de uma constante preocupação. Comentando imparcialmente atos das autoridades, discutindo as novas ideias ou julgando os resultados de intensa experimentação que está se realizando em muitas escolas desta capital e de alguns estados, procurando proporcionar ao professorado argumentos para acompanhar de perto a renovação pedagógica do momento, e aos entendidos no assunto a oportunidade para um juízo seguro a respeito de todas as novas iniciativas (MEIRELES, *apud* LÔBO, 2010, p. 21).

Assumindo uma postura comprometida a ser exercida pela imprensa, Cecília Meireles defendia o caráter educativo a ser exercido por ela, fosse na sua dimensão formativa ou em sua perspectiva de difusão de ideias. No “Comentário” intitulado *A função educativa da imprensa*, publicado em 20 de março de 1932, Cecília Meireles posicionou-se acerca do fazer jornalístico, apontando a necessidade da sinceridade daqueles que trabalhavam e que faziam a imprensa no país, pois essa teria um papel extremamente importante na formação do povo brasileiro:

Há mil maneiras de colaborar na obra da educação. Há terreno para todas as vocações. Assunto para todas penas.

Àqueles que não se fizeram especialistas em qualquer dos inúmeros setores em que se distribui o vasto problema de educar, sempre resta a simples noção do bom senso, o prazer da boa vontade e a capacidade de compreensão respeitosa das obras alheias, para que, não lhes podendo levar um quinhão que acrescente se abstenham de levianamente incorrer na malícia, que desnatura, e na fraude, que diminui (MEIRELES, *apud* LAMEGO, 1996, p. 196).

A perspectiva assumida por Cecília Meireles associava-se à posição dos educadores envolvidos com as reformas da instrução pública de base escolanovista, que vislumbavam na imprensa uma forte aliada. Por meio dela, almejavam comunicar as ideias de modernização da escola e de progresso do país. Pelas páginas dos periódicos, buscaram difundir as concepções que alicerçavam a educação nova, em oposição à situação desoladora da educação do país (CAMARA, 2003, p. 35).

A relação entre teoria e prática no cotidiano escolar assumiu centralidade para a jornalista e educadora. Na crônica intitulada *Teoria e Prática*, do dia 12 de julho de 1930, Cecília Meireles defendia que não bastava somente a leitura dos “modernos pedagogos” e das suas “palavras eloquentes”, havia a necessidade da ação como forma de levar a termo as mudanças. Nessa direção, afirmava que:

A realidade parece contradizer a leitura; a prática leva a duvidar da teoria. Isso é, porém, um erro de visão superficial. Aparentemente, a criança que se encontra na vida é diversa da que retratam os educadores. Vai de uma a outra distância da realidade ao sonho. E aquela que nos encantou aureolada pela palavra de simpatia e pela homenagem dos que lhe dedicam o seu labor e a sua vida, aparece empobrecida, diminuída, no seu aspecto cotidiano, desinteressante, vulgar.

Onde as suas sugestões curiosas? A riqueza da sua vida interior? O encanto da personalidade nascente?

Onde? Lá onde os encontraram os que detidamente e carinhosamente se interessaram por ela (MEIRELES, 1930, p. 131).

As entrevistas, as reportagens e os artigos de educadores de reconhecida importância no cenário internacional, tais como Roal Amundsen, Pierre Michailowsky, Kou-Hung-Ming, Anatole France, João de Barros, Fernanda de Castro, Eduardo Spranger, Angelo Patri, Eduardo Claparède, Gerardo Seguel, Yrjo Hirn e Maria Montessori, davam consistência e vigor à “Página” e às posições assumidas por Cecília Meireles junto a seus pares, assim como diante dos opositores às ideias aquilatadas pela Escola Nova. Nessa perspectiva, a Escola Nova era apresentada como caminho capaz de fazer “ver o mundo infantil”, “revelando” a escola e as possibilidades de dinamizar as suas relações cotidianas.

Nesse aspecto, a escola foi perspectivada como um organismo vivo, “vestíbulo da vida” para a criança, concebida como “futuro cidadão”. No entanto, para Cecília Meireles, essa compreensão da escola não era suficiente, uma vez que era preciso “agir todos os dias no sentido de dar uma realidade positiva a essas convicções subjetivas”. Na sua compreensão, a “vitória da vida” se organizaria pelo trabalho em bem do conjunto social, em defesa de uma educação nacional focada em promover “núcleos humanos de formação integral” (MEIRELES, 2001, p. 143).

Assente na percepção da realidade educacional brasileira, Cecília Meireles buscou captar a inspiração necessária para perseguir a utopia de uma educação nacional laica e para “todos” os indivíduos, independente de sexo ou das condições sociais. Nesse particular, a educação moderna era compreendida como “conjunto de desenvolvimentos harmoniosos, correspondentes a todas as faculdades e possibilidades que se possam encontrar na criatura humana” (MEIRELES, 06/11/1931, p. 5). Assim, sua escrita visava realçar as condições sociais que marcavam as crianças que frequentavam às escolas. Eram:

[...] essas as crianças que faltam nos sábados à escola, porque a mãe é lavadeira; que chegam tarde, porque o freguês almoça na mesma hora da aula; que levaram três dias seguidos faltando porque mandaram botar meia-sola nos sapatos, ou porque o uniforme não secou, devido ao mau tempo... Criaturinhas de sorte sombria (MEIRELES, 2001, p. 112).

A ampliação do papel da escola apoiava-se na compreensão de que, a ela, caberia promover a “elevação” de todo o ambiente social. Para Cecília Meireles, a transformação

que se deveria processar não se limitava à escola, uma vez que ela não era o “único meio frequentado pela criança”. Com essa intenção, escreveu diariamente na “Página de Educação”, produzindo um discurso político que, em certos momentos, apresentava-se com traços de aspereza, de ironia, e, em outros, de percepção aguçada e poética da situação de miséria que acometia a infância pobre. À sua percepção de jornalista e de educadora se adensava à verve de poeta.

Nessa linha de pensamento, Cecília Meireles afirmava ser tarefa do professor colocar-se em uma luta sem trégua em defesa do “projeto de criatura humana”. Este deveria elevar a criança, influenciando sobre o ambiente social que a cercava. Para a educadora, a luta que se travava era contra o ambiente que a “deformava”, enquanto a escola a formava. O raio de influência da escola tinha limites, uma vez que os alunos estavam expostos às “mais contrárias, incompreensíveis, prejudiciais e inconscientes influências, pela desordem do lar, pelas infelicidades domésticas, - pela ausência de cultura, de higiene e de moralidade” (MEIRELES, 2001, p. 124). A “influência” a que se referia a jornalista e educadora não advinha unicamente da família *stricto sensu*, advinha e ampliava-se do ambiente ao qual a família participava. Para a superação da situação adversa, propunha uma ação articulada e recíproca que envolvesse a família e a escola (MEIRELES, 2001).

Fortalecida nessa convicção, Cecília Meireles construiu e consolidou relações de afetividade em torno de projetos, mas também de animosidades. Assim, as redes de sociabilidade construídas por ela nos possibilitam entender a sua atuação e a sua crença no poder transformador da educação. Filiando-se ao grupo de educadores constituído por Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Nóbrega da Cunha e Frota Pessoa, entre outros, Cecília Meireles defendeu a obra reformadora empreendida pelos educadores escolanovistas com a fé de que sua repercussão atingiria a organização do sistema de ensino e de cultura do país. Nessa direção, avaliza Camara que:

Nesse cenário, se por um lado, o escolanovismo fora perspectivado como um movimento de renovação escolar que se caracterizava pela adesão aos avanços mais recentes da psicologia infantil e da biologia que colocou no centro do seu interesse a criança e o seu processo de desenvolvimento e de aprendizagem, bem como por uma maior liberdade e respeito às características da personalidade de cada uma em suas várias fases de desenvolvimento; por outro, essa foi se constituindo como matriz que organizou formas de intervenção direta do Estado sobre a escola e a família. Esse aspecto provocou a organização de novas práticas no espaço da escola e nas relações instituídas entre Estado e escola, escola e sociedade, escola e cidade, escola e família. Estabeleceram-se, assim, outras redes de dependências e de forças no interior da instituição escolar e fora dela (CAMARA, 2013, p. 48).

Nessa linha argumentativa, consideramos que a “Página de Educação” se constituiu como peça importante de congregação, de embate e de circulação de projetos e de ideias nacional e estrangeira. O investimento que fez ao criar e manter a “Página de Educação” e também a Página das Crianças¹⁰ é compreendido, por nós, como parte do jogo de poder e de ocupação de espaços, em defesa de um projeto de educação nacional. Assim, no recorte proposto por este artigo, de 1930 a 1932, é possível aquilatar o poder de mobilização representado pela imprensa e, especialmente, pela “Página de Educação”, no que se refere aos embates e enfrentamentos travados entre os adeptos da Escola Nova e os educadores católicos, mas também por sua importância na construção da opinião pública. A posição assumida por Cecília Meireles por ocasião do lançamento do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, do qual foi signatária, expressava o desejo de consolidar os fundamentos de uma nova escola a constituir-se em “benefício da infância e para proveito da nacionalidade” (MEIRELES, 16/09/1930, p. 6). Assim:

A escola é leiga, porque não acredita na moral ensinada em frases, nem as correções feitas por meio de pancada ou de rezas, dá-se a esse paciente trabalho de investigação, pelo qual se aproxima da alma da criança para saber que disposições a levaram a esse comportamento pernicioso.

Os adversários da escola leiga não fariam assim. Porque eles acreditam na eficácia das proibições e no inferno prometido aos refratários.

Qual das duas escolas é a escola moral?

Os moralistas pregam: não matará! Mas só o seu alimento é um exemplo de contradição chocante. Os psicólogos estudam a crueldade infantil, as suas raízes mais profundas. E a escola leiga, orientada pelos seus estudos, prevê as suas manifestações, educando a criança num ambiente de respeito à vida, em lugar de lhe oferecer um conselho hipócrita que chama a sua atenção para atentado da morte. [...]

A escola leiga não pode dizer, como qualquer escola sectarista: só nós sabemos, só nós valem, só nós somos.

Por isso, só a escola leiga prepara a paz. E ainda quando não fizesse mais nada, creio que estava nisso o maior elogio que uma instituição qualquer podia receber (MEIRELES, 04/03/1932, p. 6).

Nesse contexto, a “Página de Educação” dirigida por Cecília Meireles foi um dos canais de sustentação do grupo intelectual que assinou o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Fernando de Azevedo, redator do Manifesto, propôs, estrategicamente, que o documento, antes de ser apresentado ao Presidente da República Getúlio Vargas e ao Ministro da Educação e Saúde Pública Francisco Campos, fosse publicado nos jornais. Na “Página de Educação”, a sua divulgação ocorreu em 19 de março de 1932, sendo no dia 27 de março publicado n’*O Jornal*. Em São Paulo, a publicação

10 A Página das Crianças foi apresentada como suplemento infantil, organizada com jogos, brincadeiras, desenhos e informativos. Com diagramação de seu marido Fernando Correia Dias, o suplemento foi efêmero, circulando, aos domingos, durante três meses, de 22 de junho a 31 de agosto de 1930.

do documento ocorreu no dia 22 de março, no Estado de São Paulo, e no dia 23 de março, na *Folha da Manhã* (PAGNI, 2000, p. 83).

Para os signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, a exemplo de Cecília Meireles, a escola deveria ser compreendida como núcleo central de difusão e de irradiação de uma nova concepção de civilização. Como centro irradiador, à escola era destinado um papel fundamental na reconstrução do país; para isso, cabia ao Estado a gestão de uma proposta integradora para a educação pública. A perspectiva defendida assentava-se na defesa da escola única, da laicidade, da obrigatoriedade, da gratuidade e da coeducação como condição essencial para a política de educação a ser erigida pelo Estado brasileiro.

A par dessa compreensão, em texto intitulado *Vida sem limites*, publicado em 1º de julho de 1931 na “Página de Educação”, Cecília Meireles ponderava criticamente sobre as conclusões apresentadas pelo Segundo Congresso Feminista, no que se referia à proposta de se criar uma Liga de “Assistência Educacional às Meninas Pobres”. Segundo a jornalista, a Liga pretendia “socorrer com roupa e livros as crianças pobres do sexo feminino, para que pudessem fazer o curso primário das escolas e ainda o secundário e superior, as que se mostrarem mais aptas e capazes” (MEIRELES, 01/07/1932, p. 5). É exatamente nesse ponto que a crítica elaborada por Cecília Meireles se assentava e se arregimentava com relação ao movimento feminista. Para ela, a coeducação dos sexos estava na base da escola moderna e, portanto, não haveria porque o movimento defender a separação por gênero, no que se referia ao acesso à escola. Desse modo, o que se via com a proposta, segundo ela, acabava por dividir a infância em duas partes. De um lado, os meninos, e, de outro, as meninas. Em sua compreensão, o que se deveria empreender era a defesa de todas as crianças, independente do sexo. Nessa direção, asseverava que:

Isso já é outro feminismo. E esse é que me parece o legítimo, o digno de ser defendido por todas as mulheres inteligentes, trabalhadoras, capazes. Um feminismo que não tem fronteiras. Que não imita esse exclusivismo masculino que justamente vem combatendo. Um feminismo em que as mulheres sejam capazes de querer ser maiores do que os homens não pela conquista de meia dúzia de direitos, fáceis de conseguir, que há muito, mesmo perderam o caráter de qualquer novidade, mas pela capacidade de serem mais amplas na sua concepção da vida. Pelo seu poder de se sentirem senhoras da criação, como a própria natureza as fez, concedendo-lhes o dom da maternidade.

Não quero, decerto, fazer apologia do idealzinho da mãe de família. Não. Mas quero frisar o valor da palavra maternidade quando se refere não apenas aos filhos do próprio ventre, mas a todos os filhos que existem na terra, aos filhos de todas as mulheres, aos filhos de toda a vida, aos filhos de toda a criação [...] (MEIRELES, 01/07/1932, p. 5).

Para entendermos a crítica formulada por Cecília Meireles, é importante avançarmos para além da questão específica do gênero, encampada pelo movimento feminista. É necessário localizarmos o seu texto no cenário dos debates educacionais que se vinha processando no país desde a década de 1920. Em sua argumentação, assumiu destaque a defesa de um projeto de educação essencialmente pública como diretriz fundamental para uma política educacional moderna. Nesse sentido, emerge, dos seus escritos, uma voz enérgica e aguerrida em defesa de uma educação igualitária e obrigatória para meninas e meninos, aspecto que se sobressaía em seus escritos e que se encontrava alinhavado aos pilares de sustentação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. O documento, em sua origem, procurava sistematizar e proclamar as ideias “novas” no campo educacional, apresentando as bases e os princípios orientadores de um projeto nacional, a partir da perspectiva escolanovista de reconstrução nacional.

Assumindo um discurso acerca da importância do trabalho do jornalista, Cecília Meireles assegurava que esse deveria ser marcado pela responsabilidade na emissão de suas opiniões e na cobertura dos fatos, uma vez que atingiria um público leitor variado. No “Comentário” datado de 30 de agosto de 1930, defendia: “a atuação da imprensa na formação do povo é problema desde muito tempo incluído nas cogitações de todos os que se interessam pelo aperfeiçoamento da vida” (MEIRELES, 2001, p. 163-165).

Em suas inflexões, Cecília Meireles estabeleceu uma linha discursiva de combate e de difusão dos caminhos propostos para o ensino. Assim, no segundo semestre de 1932, a “Página de Educação” ratificou a importância do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, defendendo-o dos ataques que surgiram principalmente dos educadores católicos. Não podemos deixar de destacar que, nesse período, Nóbrega da Cunha deixou o Diário de Notícias e o jornal passou a sofrer pressões do Governo de Getúlio Vargas. O encerramento da participação de Cecília Meireles no Diário de Notícias, em 1933, nos remete à análise de Barbosa, uma vez que, para a autora, falar da imprensa nesse período é falar de compromissos, uma vez que: “há mais proximidades, acordos e relações conjuntas entre os homens de governo e os homens de imprensa do que divergências”. Nesse particular, a imprensa constituiu-se como arena ideal onde se desenrolaram os embates sobre os problemas públicos do país (BARBOSA, 2007, p. 103).

3 Entre o sonho e a ação: Cecília Meireles e a concepção de infância e sua educação na Página de Educação

Porque a verdade é esta: só se lembram com orgulho da infância, e compreendem a sua evolução e lhe dão crédito os que sempre a viram com alegria, que a amaram como a esperança de um triunfo qualquer da humanidade, e souberam aguardar nas vidas ainda esboçadas, com encanto e respeito, o que um dia pudessem vir a ser definitivamente (MEIRELES, 2001, p. 191).

A preocupação com a infância nas crônicas de Cecília Meireles ocorre de forma continuada, seja com relação à criança pobre, à rejeitada, à infeliz, seja com relação à criança abastada. Em todas as crônicas em que concentrou atenção à infância e sua educação, Cecília Meireles buscou demonstrar e defender a necessidade premente de se possibilitar à criança acesso a uma educação digna. Ela entendia como educação digna aquela que respeitasse as diferenças, que compreendesse as nuances do mundo infantil e que tratasse a criança como partícipe do processo educacional, e não como objeto sem força ou opinião (MEIRELES, 2001, p. 10). No trabalho de construção do seu pensamento acerca da infância, Cecília Meireles carregava o sonho da poetisa e a ação da jornalista e educadora engajada. Enfática, acreditava que, da criança “trabalhada” em parâmetros humanitários e fraternos alicerçados na paz, poderia advir o adulto bem formado que pudesse ajudar a erigir uma nação nova a partir de um projeto educacional que rompesse com os padrões ultrapassados da “República Velha”.

É possível captarmos em suas crônicas a preocupação em construir representações da infância, cujos fundamentos científicos que sustentavam a escola renovada, a exemplo da psicologia e da pedagogia, davam o aporte fundamental para a sua apreensão. A família, a escola, os professores e a sociedade deveriam se “unir” numa “comum intenção”, em benefício da infância e de sua compreensão.

A vida da criança é um mistério tão grande que ninguém a deveria tratar com mãos desatentas ou negligentes. Ela e o mundo estão intimamente unidos, como o ar e a respiração. Qualquer coisa que toque a infância abala o mundo, - desta ou daquela maneira, e muitas vezes irremediavelmente, sem que se saiba, até o ponto que esse irremediável tenha alcançado, e o que daí posteriormente vai decorrer (MEIRELES, 2001, p. 242).

Em seus “Comentários” intentava, para além de comunicar e de informar, formar a opinião de um público leitor esclarecido e engajado ao projeto ao qual era devotada. Segundo Alan Girard: “A opinião pública talvez não atue diretamente nos acontecimentos, não tem poder de decisão, mas tem o poder ao que parece, de tornar ou não possível a política de seus representantes” (*apud* BECKER, 2003, p. 203). Nessa direção, sua escrita dirigia-se, por um lado, à família, grupo que deveria “pré-educar” a criança para que ela pudesse ter condições de receber o que a escola poderia

lhe proporcionar; por outro lado, à escola, na figura do professor, que deveria, junto com a família, pensar e efetivamente burilar a criança.

Na crônica intitulada *Triste cena*, a jornalista, reproduzindo a fala de uma mãe que havia matriculado o filho na escola, indicava a representação que a mesma fazia do filho para a professora. Para a mãe, o filho era: malcriado, vadio, não gostava de estudar e era insubordinado (MEIRELES, 2001, p. 109). No sentido de atuar sobre a criança, a mãe sugeria à professora o método a ser usado na correção do pequeno:

- Queria pedir-lhe um favor: puxe-me pelo pequeno. Puxe-me por ele. Não o deixe ir ao recreio. Não o deixe fazer ginástica. Ponha-o na sala com o livro na mão, até que ele fique sabendo as lições. Não tenha pena, minha senhora. Ele com bons modos não vai. Isso de lhe fazer festa, de o tratar bem, não adianta nada. Ele só anda com pancada. E olhe: eu sei que na escola não querem bater nas crianças, mas tem a senhora toda a liberdade para fazer com este o que entender... (MEIRELES, 2001, p. 109).

A publicação da crônica indicia, em nossa compreensão, a preocupação de Cecília Meireles em demonstrar, a partir de casos cotidianos, os erros cometidos pelos pais, no que se referia à educação da criança, bem como a crença que orientava a relação instituída entre a família e a escola. A crença alinhavada na crônica era a da ação regeneradora a ser instituída pela professora e, por outro, pela escola, como “instituição inequivocamente benéfica consagrada à promoção da cultura e da educação” (NÓVOA, 1998, p. 22). Ao trazer à cena essa questão, Cecília ponderava sobre a escola como possibilidade de realização de um processo estimulante e ativo à criança, ou como força aniquiladora de sua liberdade. O pano de fundo que organizou e enredou os acontecimentos descritos na crônica era o da “escola antiga”. Nessa direção, afirma Nóvoa que:

A crítica da Educação Nova à instituição escolar termina, assim, algo paradoxalmente, por uma crença quase ilimitada nas potencialidades regeneradoras da escola. Nunca se acreditou tanto nos benefícios da escola como nestes tempos loucos da pedagogia. E esta crença ajudou a consolidar uma imagem dos professores como sacerdotes da religião educativa e como missionários do ABC [...] (1998, p. 23).

Em outra crônica, com o título *As crianças pobres*, o elemento destacado referia-se às crianças que frequentavam as escolas e que, em sua maioria, pertenciam às classes modestas. Ao chegarem às escolas, elas estavam carregadas de defeitos provenientes do ambiente. Não distante do pensamento de seus contemporâneos, Cecília Meireles defendia que um dos grandes problemas que emperravam a execução da obra educacional assentava-se nas condições sociais das classes sem assistência do país. A partir desse quadro de penúria da população infantil na escola, destacava a recepção dada aos alunos pelos professores:

E infelizmente acontece que a professora, por fadiga nervosa, ou falta de vocação, ou qualquer outro motivo, enfim, cedo se desgosta das crianças mais desfavorecidas, que são, na verdade, as que mais necessitam de sua indulgência, da sua bondade, do seu auxílio (MEIRELES, 2001, p. 111).

Nesse particular, a infância era subtraída, sendo os menores obrigados, desde muito cedo, a atuarem como pajem de irmãos menores, ou, quando muito, a realizarem algum tipo de trabalho remunerado como forma de sobrevivência individual e familiar. Assim, era frequente, entre os setores pobres da sociedade, a presença de “Crianças que vão à feira, que entregam roupa lavada, que carregam marmitas, que de mil e uma formas sacrificam o princípio da sua existência [...]” (MEIRELES, 2001, p. 111).

Nas crônicas intituladas *Professores e pais* (MEIRELES, 2001, p. 113), *Relações entre o lar e a escola* (MEIRELES, 2001, p. 115) e *Círculo de pais e professores I e II* (MEIRELES, 2001, p. 121-123), Cecília Meireles ampliou o debate acerca do trabalho e do cerceamento da infância pelos adultos. Apontou os fatores que, presentes nas famílias, assim como nas escolas, faziam da criança “vítima das mãos vaidosas, ambiciosas, hipócritas e levianas” de pais e, por outro lado dos métodos “confusos de toda pedagogia caricata que anda por aí cheia de vento”. Para a jornalista, era preciso “olhar para as crianças sem displicência e sem superficialidade” e, nesse sentido, somente a emergência da pedagogia moderna poderia resolver (MEIRELES, 2001, p. 128). O envolvimento de Cecília Meireles na construção de uma infância feliz e criativa foi se corporificando na ideia de que:

A infância é uma realidade contínua dentro de nós. Talvez por ser ainda a transição do universo de onde vimos para esta revelação incompreensível em que nos agitamos. E pode ser que reviva, finalmente, na hora extrema em que regressarmos de novo àquele permanente universo que nos aguarda. Como quer que seja, precisamos olhar para as crianças sem displicência e sem superficialidade (MEIRELES, 2001, p. 128).

Mantendo a discussão na pauta dos seus textos, Cecília Meireles não deixou de enfatizar a superficialidade com a qual a criança era tratada. Sua crítica assentava-se na compreensão de que existia um distanciamento entre a criança “real” e a criança “inventada”, pois “aparentemente, a criança que se encontra na vida é diversa da que retratam os educadores. Vai de uma à outra a distância da realidade ao sonho” (MEIRELES, 2001, p. 131). Com essa compreensão, convida os adultos a olharem as crianças por outro prisma, por outro ângulo, e aponta a necessidade da criação de uma atmosfera que propiciasse o desabrochar da alma infantil:

A criança do mundo objetivo não representa a sua própria expressão íntima. pudor de se revelar, impossibilidade, muitas vezes, de o fazer, devido à carência de elementos que a manifestem, - num caso e noutro, ausência de ambiente propício para que ela tenha oportunidade de se definir.

É preciso criar uma atmosfera especial, que facilite a expansão da alma infantil, para que, então, nosso olhar atinja o recesso profundo de sua personalidade (MEIRELES, 2001, p. 131).

Em várias outras crônicas publicadas ao longo dos anos de 1930 a 1932, Cecília Meireles retomou a questão da infância como tema primordial. Transitou pelo tema demonstrando as variadas nuances do problema. A escola, a família e o Estado aparecem como instâncias sobre as quais se dedicou a refletir e a ponderar, não poupando críticas e observações quanto ao tratamento dispensado à criança. Nas crônicas *O amor à infância...* e *Falsos motivos*, Cecília Meireles destacava o despreparo das famílias no trato com as crianças no período inicial de suas vidas, ou seja de zero a seis anos de idade, no que tangia ao desenvolvimento da linguagem, aos primeiros passos, aos primeiros medos. As “belezas” desses momentos iniciais da vida eram compartilhadas pelos familiares e amigos como sendo a criança, na leitura de Cecília Meireles, um brinquedo a ser exibido, sem se levar em consideração a liberdade necessária para o seu desenvolvimento. Preocupada em delimitar a especificidade do mundo infantil, Cecília Meireles procurou demonstrar que a criança não seguia a lógica do adulto, e sim uma lógica própria. Na crônica *Grandes e pequenos*, explica que:

Não é por desobediência, maldade ou espírito de rebeldia, - mas simplesmente porque a criança age como criança e não como adulto, que lhe citou enfaticamente o seu exemplo:

Veja se eu faço coisas dessas!

Está claro que não faz. Se fizesse, seria uma anormalidade. Uma anormalidade precisamente análoga à da criança que pudesse agir como gente grande (MEIRELES, 2001, p. 157).

Ao trazer para o centro dos seus escritos a infância e sua educação, Cecília Meireles tentou provocar reflexões que pudessem considerar a especificidade da criança, instituindo, com isso, a necessidade de que a escola fosse transformada em um instrumento transformador e dinâmico das relações sociais. Em suas crônicas, a criança emerge como um porvir que, para se constituir, precisava ser alimentada e edificada com liberdade, carinho, afeto e respeito. Diante desses anseios, as discussões de cunho político que emanaram da “Página de Educação” foram envolvidas pelo sonho e pela ação, o que justificava a sua escrita aguerrida e o seu posicionamento firme pelas causas que colaborassem para a construção do país.

Advogando em causa da Escola Nova, como caminho ideal para se forjar um novo rumo para a educação, Cecília Meireles assumiu como condição essencial a ideia da “escola para as crianças”, de uma escola que não se esquecesse da criança, mas que fizesse dela a sua razão de existir. Nesta direção, é fato que, a exemplo dos educadores reformadores, Cecília Meireles comprometeu sua atuação na “Página de Educação”, transformando-a em uma trincheira de luta. Seus escritos visaram

construir a legitimidade de projetos e de condutas direcionados a intervir no social. No entanto, a jornalista e educadora defendia que a escola construísse um olhar com “ternura” acerca das crianças e, em particular, das crianças pobres, de forma que pudesse contribuir para a formação de uma infância escolarizada, saudável, criativa e harmoniosa.

Referências

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900/2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CADERNOS DA COMUNICAÇÃO. *Diário de Notícias: a luta por um país soberano*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro; A Secretaria, 2006. (Série Memória)

CAMARA, Sônia. “Progredir ou desaparecer”: o Manifesto dos Pioneiros da educação Nova de 1932 como itinerário para a construção do Brasil moderno. In: MAGALDI, Ana Maria; GONDRA, José G. (Org). *A organização do campo educacional no Brasil: manifestações, manifestos e manifestantes*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

_____. A Reforma Fernando de Azevedo e as Colmeias Laboriosas no Distrito Federal de 1927 a 1930. In: MIGUEL, Maria Elizabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves; ARAUJO, José Carlos Souza (Orgs.). *Reformas educacionais: as manifestações da Escola no Brasil (1920 e 1946)*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2011. (Coleção memória da educação).

_____. *Reinventando a Escola: o ensino profissional feminino na Reforma Fernando de Azevedo de 1927 a 1930*. Rio de Janeiro: Editora Quartet, FAPERJ, 2013.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

Jornal Diário de Notícias, 12 de junho de 1930, p.4.

LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Recife: MEC/Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010.

_____. *Memória e Educação: O Espírito Victorioso*, de Cecília Meireles. *Rev. Bras. Est. Pedagógicos*, Brasília, v. 77, n. 187, p. 525-545, set./dez., 1996.

_____. Cecília Benevides de Carvalho Meireles. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITO, Jader de Medeiros. *Dicionário de educadores no Brasil – da colônia aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-INEP-COMPED, 2002.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____, MEIRELES, Cecília. *Diário de Notícias*, 16 de setembro de 1930, p. 6.

_____, MEIRELES, Cecília. *Diário de Notícias*, 06 de novembro de 1931, p. 5.

_____, MEIRELES, Cecília. *Diário de Notícias*, 04 de março de 1932, p. 6.

_____, MEIRELES, Cecília. *Diário de Notícias*, 01 de julho de 1932, p. 5.

_____. In: AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de (Orgs.). *Crônicas de Educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2001. (v. 1, 2, 3 e 4).

_____. *Escolha o seu sonho*. Rio de Janeiro: Record, 1976.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Uma educadora pioneira. E pouco conhecida*. São Paulo: Ed. Segmento, Revista Educadores Brasileiros, 2010.

NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Orgs.). *Cecília Meireles: a poetisa da educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO: Loyola, 2001.

NÓVOA, António. Relação escola-sociedade: “novas respostas para um velho problema”. In: SERBINO, Raquel V. *et.al.* *Formação de Professores*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

PAGNI, Pedro Angelo. *Do Manifesto de 1932 à construção de um saber pedagógico*. Ensaizando um diálogo entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira. Rio Grande do Sul: Editora UNIJUÍ, 2000.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano 2*. O tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

PIMENTA, Jussara Santos. *Fora do outono certo nem as aspirações amadurecem* - Cecília Meireles e a criação da Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco (1934-1937). (Dissertação de Mestrado) - Departamento de Educação, PUC/RJ, 2001.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragments da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. Campinas: Papirus, 2002.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.

XAVIER, Libânia Nacif. *Para além do campo educacional: um estudo sobre o manifesto dos pioneiros da educação nova (1932)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

Recebido em 31/08/2016

Aprovado em 25/05/2017